



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ – CCIM
UNIDADE PROFESSOR JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

GRAZIELA BETÂNIA ALCÂNTARA DA SILVA

**TRAJETOS DE FORMAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA CCIM/UFMA:
PERCURSOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

IMPERATRIZ
2025

GRAZIELA BETÂNIA ALCÂNTARA DA SILVA

**TRAJETOS DE FORMAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA CCIM/UFMA:
PERCURSOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de Memorial de Formação, apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Edilmar de Sousa
Coorientadora: Profa. Ma. Patrícia Alves Silva

IMPERATRIZ
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Graziela Betânia Alcântara da.

TRAJETOS DE FORMAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA CCIM/UFMA:
PERCURSOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL / Graziela Betânia Alcântara
da Silva. - 2025.

43 p.

Coorientador(a) 1: Patrícia Alves Silva.

Orientador(a): José Edilmar de Sousa.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do
Maranhão (ufma), 2025.

1. Memorial. 2. Curso de Pedagogia. 3. Estágio Em
Educação Infantil. 4. Identidade Docente. I. Silva,
Patrícia Alves. II. Sousa, José Edilmar de. III. Título.

GRAZIELA BETÂNIA ALCÂNTARA DA SILVA

**TRAJETOS DE FORMAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA CCIM/UFMA:
PERCURSOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de Memorial de Formação, apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Edilmar de Sousa

Coorientadora: Profa. Ma. Patrícia Alves Silva

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Edilmar de Sousa (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Ma. Patrícia Alves Silva (Coorientadora)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Herli de Sousa Carvalho (Examinadora)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Francisca Melo Agapito (Examinadora)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Dedico este trabalho, primeiramente, à DEUS e, depois, a toda minha família que esteve comigo nesta trajetória. Em especial, à Marenilta Silva de Sousa Gentil que me fez acreditar em mim mesma, e me incentivou a voltar aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Inicio os agradecimentos, em especial, a Deus por jamais me abandonar e estar comigo em todos os momentos durante o Curso de Pedagogia, a toda minha família, em especial, ao meu pai, Clóvis Ferreira da Silva (*in memoriam*), e a minha mãe, Cleide Almeida Alcântara, que sempre teve muito cuidado comigo.

Aos meus filhos, Maria Gabriela da Silva Bezerra, Maria Fernanda da Silva Santana, Enzo Gabriel da Silva Santana e Maria Alice Alves da Silva, que são a razão do meu viver. Em especial, à minha filha Maria Fernanda, que sempre cuidou com muita dedicação de seus irmãos, para que eu pudesse frequentar a Universidade e realizar os estágios, e sempre foi minha companheira de todas as horas, inclusive para estudar.

Ao meu esposo, Reginaldo Alves da Silva, pelo apoio e compreensão incondicional.

Aos meus colegas de turma, Djanara Lima Sousa, Maria Bianca Lima Silva, Paulina Teixeira, Maria Carolynny Doana Brito Teixeira Silva, Caimara, Sheila, Máxima Silva Santos, Ana Carolina Magalhães Godim e Adriana da Silva Tavares, com quem sempre fizemos grupos de estudo e compartilhamos momentos importantes.

Em especial, à minha amiga Djanara, que o Curso de Pedagogia me presenteou com sua amizade. Você foi minha companheira de todas as horas e de todos os trabalhos, e levarei sua amizade para sempre em meu coração.

À minha irmã, Perpétua Alcântara Machado, que foi minha companheira em muitas atividades.

À todos os colaboradores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em especial à Coordenadora Técnica, Ana Cleia Mendes Soares, que sempre nos ajudou e nos auxiliou em nossa trajetória acadêmica.

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. José Edilmar de Sousa, por suas horas de dedicação e contribuição para o término do meu trabalho acadêmico. Sua atenção, paciência e sabedoria foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico. Muito obrigado por acreditar em mim, e me ensinar a melhor forma de me expressar minhas ideias.

Meus sinceros agradecimentos à minha coorientadora, Profa. Ma. Patrícia Alves Silva, por suas horas de dedicação e contribuição valiosa, que significaram um grande apoio no desenvolvimento do meu trabalho acadêmico. Sua orientação e apoio, foram fundamentais para o meu crescimento. Mesmo não fazendo parte do corpo de docentes da UFMA, sua contribuição e dedicação às correções e elaboração do meu trabalho foram

essenciais.

À todos os professores e professoras que contribuíram para minha formação acadêmica na UFMA, Unidade Prof. José Batista de Oliveira, em especial, a Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho, que foi a Coordenadora do Curso, na minha chegada à UFMA, com quem tive o privilégio em estudar cinco disciplinas e participar do seu Projeto de Extensão ALMA, com a qual realizei a viagem para Alcântara/MA, que foi de extrema relevância, tanto para a vida acadêmica, quanto a vida pessoal. Um momento cheio de muito aprendizado em todas as áreas.

Ao Prof. Dr. José Edilmar de Sousa, que é muito especial para mim, que tive uma grande oportunidade em fazer cinco disciplinas, todas cheias de muito aprendizado. O professor sempre demonstrou muita afetividade, tanto para comigo, como para com os meus filhos, e foi um dos maiores influenciadores à minha filha mais velha que, hoje, está cursando Pedagogia.

À Profa. Ma. Patrícia Alves Silva, por ter sido a minha primeira orientadora, e que me ajudou a escolha do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ela se tornou uma amiga e cliente, com quem tive o privilégio de fazer o Estágio em Docência de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e mais duas disciplinas, uma delas Educação Especial, a qual me influenciou a fazer a uma Pós-Graduação e me especializar na área, inclusive aprender Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A professora dedicou horas na correção de meu TCC, mesmo não fazendo mais parte do quadro de docentes da UFMA.

Profa. Dra. Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro, com quem fiz quatro disciplinas riquíssimas e aprendi a ser mãe com ela e seus ensinamentos, e também fiz meu maravilhoso Estágio em Educação Infantil, em que suas contribuições foram extremamente relevantes para a execução com êxito, cheio de muita criatividade durante a regência nas duas salas de aula que pude ficar durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil.

Profa. Dra Maria Teresa Bom Fim Pereira, minha coordenadora no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), por todo o aprendizado e oportunidades proporcionadas. Sob sua orientação, tive a chance de desenvolver habilidades valiosas e descobrir o prazer de realizar leituras e contação de histórias.

Ao Prof. Me. José Batista de Oliveira (*in memoriam*), em homenagem ao seu legado de ensino, dedicação e paixão pela Educação. Sua contribuição deixou marcas indeléveis em seus alunos e alunas, e sua memória será sempre lembrada e valorizada.

Meus sinceros agradecimentos à minha banca de TCC, escolhida com muito amor e carinho, a Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho e a Profa. Dra. Francisca Melo Agapito,

minhas avaliadoras, por sua dedicação e contribuição valiosa para aprimorar meu trabalho. Muito obrigada, por fazerem parte desse momento tão importante para mim.

Por fim, agradeço à todas e todos que contribuíram para essa jornada acadêmica. À Deus por me guiar e fortalecer. A família pelo amor e apoio incondicional. Muito obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na forma de um Memorial de Formação relembra, narra e analisa minha trajetória acadêmica e pessoal, enquanto licencianda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), tendo como objetivo compreender como o Estágio Supervisionado em Educação Infantil impactou e influenciou a minha formação docente. Nesse sentido, o relato inicia-se pela Educação Básica, os desafios que enfrentei no campo social e econômico, juntamente com minha família e que foram superados com resiliência e esforço. A seguir, relato a jornada empreendida nesta Universidade prestigiosa, as experiências vivenciadas durante o curso, como por exemplo a participação no PIBID, as quais tanto favoreceram meu crescimento pessoal e profissional. Ainda no campo prático, e sobre o percurso na Universidade, destaco o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, que acabou revelando-se como o elemento mais marcante deste processo formativo, uma vez que graças a ele fui capaz de perceber a fundamental articulação entre teoria e prática, e tive uma vivência mais concreta da docência e a compreensão de que, de fato, era este o caminho que deveria ter seguido, ou seja, por meio dele percebi que fiz a escolha adequada quanto ao curso e que é neste campo, o da Educação Infantil, que quero trabalhar. Nesse contexto, como resultado, as experiências proporcionadas por este Estágio consolidaram os saberes, fortaleceram a identidade docente e reforçaram a convicção de que na Educação Infantil encontrei o meu propósito e, por isso, é o campo em que desejo atuar.

Palavras-chave: Memorial; Curso de Pedagogia; Estágio em Educação Infantil; Identidade docente.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis (TCC), in the form of a Formation Memoir, recalls, narrates, and analyzes my academic and personal journey as a student in the Pedagogy Degree Program at the Federal University of Maranhão (UFMA). Its objective is to understand how the Supervised Internship in Early Childhood Education impacted and influenced my development as a teacher. In this regard, the narrative begins with my experience in Basic Education, highlighting the social and economic challenges I faced alongside my family—challenges that were overcome with resilience and effort. Next, I recount the journey undertaken at this prestigious university and the experiences I had throughout the course, such as participating in PIBID (Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships), which greatly contributed to my personal and professional growth. Still within the practical field and my university path, I emphasize the Supervised Internship in Early Childhood Education, which turned out to be the most significant element in my educational process. It allowed me to understand the fundamental connection between theory and practice, provided a more concrete experience of teaching, and helped me realize that this was truly the path I was meant to follow. Through this experience, I became confident that I had made the right choice in pursuing this degree and that Early Childhood Education is the field in which I want to work. In this context, as a result, the experiences provided by this Internship consolidated my knowledge, strengthened my teaching identity, and reinforced the conviction that in Early Childhood Education, I found my purpose making it the field where I truly wish to work.

Keywords: Memoir; Pedagogy Degree Program; Internship in Early Childhood Education; Teaching Identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A VIDA EM FAMÍLIA.....	14
2.1 O ingresso na Universidade Federal do Maranhão	19
2.2 As Experiências no Curso de Pedagogia: Crescimento Pessoal e Profissional.....	21
2.3 O PIBID Para a Minha Formação	26
3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL, COMO UM ELEMENTO MOTIVADOR NA MINHA TRAJETÓRIA	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Escrever sobre mim mesma não é uma tarefa fácil, pois todas as memórias — algumas boas, outras ruins — fazem-me recordar diversos momentos da minha vida, mas trata-se de um desafio que merece atenção. Assim, tenho percebido pelas leituras que no Brasil e em vários países, para diversos pesquisadores, as histórias de vida e os estudos autobiográficos vêm ganhando visibilidade na produção acadêmica, consolidando-se como uma metodologia de investigação científica na área da educação.

Por exemplo, de acordo com Bueno *et al.* (2006), o momento (auto)biográfico no país está vinculado a pesquisas na área educacional, tanto no âmbito da história da educação, da didática e da formação de professores, quanto em outras áreas que utilizam as narrativas (auto)biográficas como perspectiva de pesquisa e de formação.

Nesse sentido, observando a crescente importância da escrita (auto)biográfica nos últimos anos, evidenciada pelo número cada vez maior de pesquisadoras/es que direcionam seus estudos para esse método, apresentarei uma autobiografia na qual relatarei minha trajetória acadêmica, tendo alguns desses/as estudiosos/as como referência para esta pesquisa a exemplo de Passeggi (2011), Teles (2012), entre outros/as. Antes, porém, é preciso compreender bem o significado de um Memorial de Formação, trabalho aqui desenvolvido. Assim,

Um memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (os que apresentam conceitos e ideias, a que geralmente chamamos de “textos teóricos”) (Prado; Soligo, 2007, p. 51-52).

A partir desta compreensão, o memorial pode ser entendido como um gênero literário narrativo em forma de autobiografia que consiste em falar sobre si mesmo (a). Essa escrita trouxe-me de volta lembranças desde a minha trajetória na Educação Infantil até os dias atuais, na graduação em Pedagogia. Apesar das dificuldades sociais enfrentadas durante a infância, a verdade é que essa fase foi muito boa. Mesmo sem um prédio próprio para a escola, a ludicidade, as brincadeiras e a criatividade estavam sempre presentes. Utilizávamos o que tinha disponível no momento. Minhas lembranças sobre a minha primeira escola são poucas, mas muito significativas porque contribuíram para o meu desenvolvimento cognitivo e social. Conforme Kishimoto (2004) destaca a influência das condições sociais da criança no acesso aos diferentes tipos de brinquedo e, certamente, tudo isso influencia na forma de ver e

participar do mundo. Segundo esta autora:

As condições sociais das crianças ricas estão associadas à utilização de brinquedos industrializados ou artesanais e das crianças pobres brinquedos construídos a partir de materiais facilmente disponível na natureza como barro (Kishimoto, 2004, p. 87).

Neste sentido, as crianças de classe menos abastadas pela ausência de recursos financeiros que lhe impossibilitava ter um carrinho, uma boneca, um video-game e outros brinquedos industrializados, utilizavam da criatividade para produzir os próprios brinquedos, como também as brincadeiras novas repleta de ludicidade.

Portanto, na escola pública em que estudei e também fora dela, os brinquedos eram aqueles que estavam disponíveis e nem sempre tinha, mas a criatividade e a ludicidade faziam com que os momentos de brincadeiras se tornassem rico. Segundo Silva (2014, p. 17) “a formação é uma construção progressiva que se manifesta e se inscreve numa história de vida, em uma trajetória pessoal e profissional, podendo ser expressa por meio da escrita”. Ademais, o autor entende que, para que essa trajetória seja conhecida, deve ser relatada pelo próprio sujeito, em forma de memorial, no qual sentimentos, sentidos e significados vividos assumem dimensões diferenciadas. Nesse caso, o relato perpassa toda a vida estudantil até a finalização da graduação, com especial foco no momento do estágio realizado pelo/a estudante.

Nesse contexto, a vivência desse/a acadêmico/a no ambiente escolar torna-se parte essencial dessa trajetória, pois lhe proporciona a possibilidade de observar o cotidiano, refletir sobre circunstâncias, fazer descobertas e buscar formas de resolver problemas com base nos conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Essa experiência, além de gerar saberes, estratégias de ação e metodologias, também forma o estudante, de forma consciente, para exercer a docência de maneira significativa. Afinal, o estágio é uma atividade que instrumentaliza a prática e pode ajudar a transformar a realidade, enquanto, ao mesmo tempo, também contribui para o futuro do/a profissional, conforme afirma Pimenta (1995).

Segundo esta mesma autora, ainda, um dos grandes objetivos da instituição escolar é desenvolver os aspectos físicos, psicológicos, sociais e intelectuais dos/as alunos/as, além de formar cidadãos com capacidade de reflexão e senso coletivo. Nesse contexto, considerando que a escola busca, por meio dos conteúdos, métodos de ensino e práticas orientadas e supervisionadas, formar cidadãos conscientes de seus valores, com opiniões próprias, senso crítico e reflexivo, capazes de exercer uma função influente e decisiva na sociedade, assim, o estágio se insere como parte fundamental desse processo. Ele permite ao futuro/a professor/a vivenciar, na prática, os princípios que orientam a formação docente.

Logo, reflito, a partir da **questão orientadora** *como o Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil contribuiu para a minha trajetória acadêmica*, apresentando meu percurso desde Educação Infantil até os dias atuais, no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), buscando responder, ainda, *como o processo de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, implicou no meu desenvolvimento profissional*. Assim, o **objetivo principal** deste trabalho consistiu em compreender como o Estágio Supervisionado em Educação Infantil impactou e influenciou a minha formação docente.

Para alcançar esse objetivo principal, tenho como **objetivos específicos**: a) refletir sobre minha trajetória na Educação Básica e os desafios para chegar ao ensino superior; e b) descrever as experiências durante o percurso do curso de Pedagogia. Dessa forma, este Memorial de Formação tem como foco minha trajetória acadêmica e busca demonstrar como o estágio obrigatório na Educação Infantil motivou meu percurso no Curso de Pedagogia da UFMA.

A escolha por esse tema surgiu após algumas reflexões acerca da produção do Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, a definição da temática consolidou-se após uma conversa com a orientadora inicial do trabalho, professora mestra Patrícia Alves Silva, ainda no 9º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.

Nesse contexto, apresento este trabalho em forma de um memorial considerando-se o mencionado acerca de um Memorial de Formação, que, de acordo com Nascimento e Moura (2023), é um tipo de texto que desvela a capacidade de articulação entre a vivência concreta e as práticas estudantis ou profissionais, atribuindo-lhes sentido.

Portanto, para fins de organização, este memorial encontra-se estruturado e organizado em capítulos, além desta introdução, para facilitar a leitura e compreensão deste memorial. No segundo capítulo intitulado “A vida em Família”, apresento o meu trajeto de escolarização, as memórias da infância e o percurso até chegada na Universidade no Curso de Pedagogia da UFMA de Imperatriz/MA. Além da trajetória, apresento as experiências que tive nos estágios e de que forma contribuíram para a construção de uma identidade docente.

Consequente, em “Estágio Supervisionado na Educação Infantil, como Elemento Motivador na Minha Trajetória”, apresento as minhas narrativas sobre o Estágio em Educação Infantil e as vivências e os desafios que comporam a minha trajetória enquanto Pedagoga em formação. Por fim, trago as considerações finais deste Memorial de Formação, retomando a questão norteadora e os objetivos específicos.

2. A VIDA EM FAMÍLIA

Figura 1 – Pronta para ir a escola, aos 4 anos de idade



Fonte: Arquivo Pessoal (1985)

Para falar sobre minha trajetória, enquanto sujeito em formação, faço uso da escrita autobiográfica no formato de um memorial das minhas experiências estudantis. Eu me chamo Graziela Betânia Alcântara da Silva, nasci em 10 de abril de 1981, na cidade de Porto Velho – Rondônia, tenho 44 anos, sou mãe de quatro filhos: uma de 27 anos, uma de 19 anos, um de 9 anos e uma 4 anos. Minha profissão atual é cabeleireira e manicure, e realizo meu trabalho em casa. Atualmente, estou cursando a graduação em Pedagogia na UFMA, do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), Unidade Prof. José Batista de Oliveira, no município de Imperatriz do Maranhão.

Aos três anos de idade, meus pais se separaram. Então, minha mãe decidiu ir embora de Porto Velho/RO, foi quando fomos morar em Boa Vista/RR, fiquei sob os cuidados da minha mãe, que já tinha outros três filhos. Apesar de não ter profissão nem escolaridade, era quem mantinha a casa. Antes do meu nascimento, minha mãe viveu uma situação muito difícil: um de meus irmãos foi sequestrado aos três anos de idade. Nasci seis anos após esse acontecimento e, por esse motivo, minha mãe tornou-se ainda mais protetora comigo nesse período. Após a separação, enfrentou muitos desafios, assumindo sozinha os papéis de pai e mãe, lidando com a falta de apoio, estigmatização social, sobrecarga emocional e

responsabilidades relacionadas ao trabalho.

De acordo com Ferreira (2023), alguns fatores podem impactar muito negativamente a saúde mental das pessoas. Conforme este estudioso, “esses fatores podem ter um impacto significativo no bem-estar psicológico da mãe e da criança, incluindo estresse, ansiedade, depressão e problemas de autoestima”, e penso que, de fato, foram relevantes, embora algum tempo depois, minha mãe estivesse grávida do sexto filho, e a vida aparentemente fosse tranquila.

Os sofrimentos emocionais, por conta da ausência de recursos financeiros, eram notórios. Assim, vivenciei a chamada “primeira infância”, período que, de acordo com Papalia e Feldman (2013), em sua obra em que trata do desenvolvimento humano, compreende entre zero e seis anos de idade, e se caracteriza como um período de acelerado desenvolvimento, seja físico, mental, cognitivo ou socioemocional; sendo, portanto, um momento relevante do desenvolvimento da personalidade.

Nesse cenário, no ano de 1985, tive minha primeira experiência escolar. A escola funcionava em um prédio cedido pela prefeitura, que era o Estádio Municipal Canarinho, localizado na cidade de Boa Vista, Roraima. Havia algumas salas destinadas à Educação Infantil, e, na época, eu tinha cinco anos de idade. Gostava muito das professoras, participava de aulas de natação e de muitas brincadeiras com as outras crianças. Essa escola foi fundamental para o meu desenvolvimento social, e as atividades lúdicas contribuíram significativamente nesse processo. Nesse sentido, Varoneli (2007, p. 5) expressa que:

A brincadeira favorece ainda o desenvolvimento da autoestima, da criatividade e da psique infantil, ocasionando mudanças qualitativas em suas estruturas mentais. Através das brincadeiras, as crianças desenvolvem também algumas noções de grande importância para a vida em sociedade, como a noção das regras e também dos papéis sociais (Varoneli, 2007, p.5 *apud* Caroline, 2021, p. 4).

A brincadeira exerceu uma função fundamental no desenvolvimento infantil, assim a escola foi fundamental para a continuidade do meu processo de aprendizado. Além disso, a vantagem é que ela ficava próxima à minha casa, e estudei ali por cerca de um ano e meio. Contudo, em seguida, fui transferida para outra escola, também da rede municipal, chamada Girassol, onde finalizei a Educação Infantil.

Figura 2 – Eu e o meu primo Adriano na escola



Fonte: Arquivo Pessoal (1985)

Vale destacar, ainda, que apesar da instituição escolar contribuir para o desenvolvimento da pessoa, também pode ser um espaço de violência física e simbólica. Silva (2010), nesse sentido, afirma que esta é uma palavra que no Brasil caracteriza esse tipo de comportamento, observada nas escolas e que tanto é praticado por alunos como por alunas. Eles incluem, muitas vezes, agressões físicas e mentais, assédio e desrespeito, ocorrendo continuamente e tencionando “ferir” a vítima.

Assim, na escola, sofri muito *bullying* durante minha infância devido ser filha de mulher solteira cabelos muito cacheados e ser muito magra bem menor que as crianças da mesma idade, era comum que as outras crianças me chamavam por apelidos que para mim era ofensivos, tais como: “filha da p.”, “Olívia Palito”, “groselha” e “cabelo de fogo”. Essas situações me deixavam extremamente abalada e acabaram afetando meu comportamento: tornei-me agressiva, brigava com colegas na saída da escola, não tinha amigos/as e sentia-me constantemente triste. A única parte da escola de que realmente gostava era a professora. Iniciei a terceira série ainda nessa mesma escola e, se não fosse pelo *bullying*, o tempo que passei ali teria sido perfeito. Apesar das dificuldades, guardo boas lembranças do período em que estudei nessa instituição.

Atualmente, o termo *bullying* é amplamente debatido, com o objetivo de despertar a

consciência dos pais, alunos, professores e a sociedade, em geral, sobre as consequências dessa prática. Sabe-se que, o *bullying* pode causar desde constrangimento e sofrimento emocional até transtornos graves e, em alguns casos, irreversíveis, que podem perdurar por toda a vida (Varoneli, 2007). No entanto, na época em que vivi essas experiências, esse termo era pouco conhecido e pouco discutido, faltavam informações e suporte, por isso, tive que enfrentar essa situação sozinha, sem qualquer tipo de apoio.

Os meus anos iniciais foram na Escola Buritis. Fui alfabetizada logo na primeira série e estava indo muito bem na escola, até que sofri um acidente em uma serralheria, que me causou queimaduras graves nos dois pés. Por esse motivo, não pude frequentar a escola e acabei sendo reprovada na primeira série. Essa situação me desmotivou bastante e perdi, por um tempo, o interesse pelos estudos. No entanto, não desisti.

No ano seguinte, retornei à escola. Lembro-me de que gostava muito da professora — ela demonstrava afeto, cuidava de mim com paciência e atenção. Essa afetividade foi essencial, pois eu estava no processo de alfabetização, e o comportamento acolhedor da professora me transmitia segurança, fortalecia a autoestima e contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento. Neste sentido, é “muito importante nesta etapa a afetividade do professor, por meio desta dimensão de desenvolvimento do ser humano a criança abrirá possibilidade de aprendizagem em outras áreas” (Araújo, 2014, p. 29 *apud* Ciaparin, 2020, p. 20).

Em casa, quem me ajudava algumas vezes com as atividades escolares era minha avó materna. Ela ficava em casa comigo e era muito rígida. Quando eu estava em casa, não podia brincar e nem sair na porta de casa no momento das atividades. Ela me batia muito com um “pedaço de pau”. Se eu errasse, ela me batia. Era uma tortura muito grande, sofria bastante. De alguma forma, mesmo com toda essa violência, reconheço que foi quem me ajudou no processo de alfabetização. Aprendi a ler e a escrever e minha letra era linda.

Quando eu estava na terceira série, já não gostava mais de estudar e quase não ia à escola. Foi quando saí de casa e fui morar com uma família de gaúchos. Uma das condições para que pudesse permanecer com eles era que eu frequentasse a escola todos os dias e fizesse as tarefas. Nessa época, minha mãe fazia uso de bebidas alcoólicas, usava entorpecentes, além de que, sempre levava pessoas para dentro de casa. Eu não gostava disso, e por isso saí de casa ainda aos oito anos de idade.

Depois disso, minha mãe conheceu meu padrasto e resolveu ir embora de Boa Vista – Roraima. Eu voltei a morar com minha família e fiquei um ano sem estudar, pois passávamos muito tempo viajando de uma cidade a outra. Assim, em janeiro de 1992, cheguei à cidade de

Imperatriz/MA e comecei a estudar na Escola Dorgival Pinheiro de Souza. No entanto, eu já não sentia mais vontade de estudar. Tinha uma professora que nunca desistia de mim, sempre conversava e me dava conselhos, mas eu não conferia a devida atenção a esses conselhos.

Eu pensava, ademais, que estudar era uma coisa sem futuro, que só estava perdendo tempo. O que queria mesmo era trabalhar, arrumar um emprego. Às vezes, saía de casa dizendo que iria para a escola, mas ficava nas praças, nas ruas, andando pelas esquinas. Foi assim, por dois anos, até que fui morar e trabalhar em casas de pessoas desconhecidas. Confesso que, nessa época, de certa forma, gostava de não ter de ir à escola. Na verdade, atualmente, percebo que a evasão, especialmente, de alunos/as em situação de vulnerabilidade social, é muito grande. É isso o que afirmam Castro e Santos (2024), para quem existe uma relação muito próxima entre vulnerabilidade social, dificuldades na aprendizagem e evasão, o que explica os altos índices de analfabetismo entre essa população.

No ano seguinte, matriculei-me novamente, dessa vez no período noturno, para poder trabalhar durante o dia, mas, nunca desisti. Dessa vez, estudei na Escola Estadual Caminho do Futuro. Nessa escola, concluí metade da terceira série e estava indo bem, até que tive um problema pessoal e precisei faltar justamente no período de provas. Isso me prejudicou bastante, e parei de ir novamente à escola. Passei mais um ano sem estudar, até que fiz amizade com uma pessoa que me incentivou a voltar à escola.

Na nova escola, Escola Municipal Menino Jesus, tive uma professora chamada Flor de Lis, que foi minha professora na terceira e na quarta série. Ela lecionava todas as disciplinas. Foi ali que aprendi a multiplicar e a dividir. Praticamente finalizei minha alfabetização nessa escola. Gostava dos/as alunos/as, dos/as professores/as e do ambiente. Foi nessa turma que conheci meu primeiro marido.

Assim, casei-me aos 15 anos e, logo, em seguida, engravidei da minha primeira filha. Segundo Costa e Freitas (2021), que analisam em seu estudo questões como a gravidez na adolescência, especialmente entre meninas pobres, a gravidez associada à condição social da mulher, muitas vezes ocasiona a evasão escolar. Contudo, comigo aconteceu o oposto. Esse período me trouxe novas expectativas para a vida, um novo olhar para o futuro, mudou meus sonhos, desejos e sentimentos, e me incentivou a não parar mais de estudar; o que mudaria, conforme afirmei, ao longo dos anos. Voltei a ter um objetivo — algo que ajudaria a mim e à minha família.

E, assim, concluí da terceira a sexta série do Ensino Fundamental. Após isso, eu e meu esposo, decidimos ir embora de Imperatriz e fomos para Rondônia, onde fiz a sétima série em uma escola chamada Dom João Batista. Meu esposo, estudava junto comigo e foi muito bom,

conseguia fazer as atividades e descobri que gostava muito da aula de Matemática. Havia também um professor muito bom que ensinava muito bem para os/as alunos/as, se chamava Vanderlei. Quando terminou o ano letivo, resolvi ir embora de Rondônia e me separei, meu ex-esposo voltou para o Maranhão e fui morar em Boa Vista, chegando na cidade não gostei e fui morar na Venezuela, porém, não pude estudar devido ser estrangeira, então resolvi voltar para o Brasil.

Ao retornar ao Brasil, matriculei-me novamente, desta vez em uma escola chamada Carlos Drummond de Andrade, onde cursei o Supletivo da sétima e oitava série. Com muita dificuldade, consegui concluir o Ensino Fundamental. Dei continuidade aos estudos no Ensino Médio, por meio da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e consegui concluir essa etapa. Percebo, porém, que foi um processo de formação frustrante, pois foi muito rápido, e algumas disciplinas, como Português, Matemática e entre outras, não foram devidamente trabalhadas para promover um aprendizado significativo. Nesse sentido, Soares e Simões (2004, p. 36) explicam essa situação.

Pela própria configuração histórica da EJA no Brasil, fortemente marcada pela concepção de que a educação voltada para aqueles que não se escolarizaram na idade regular é supletiva e, como tal, deve ser rápida e, em muitos casos, aligeirada [...] (Soares; Simões, p. 36, 2004, *apud* Soares; Pedroso, 2016).

Além disso, não se trata apenas da celeridade e, provavelmente, esse não é o incômodo maior e sim o fato de que, muitas vezes, os conteúdos são ministrados de maneira pouco aprofundada ou contextualizada, de maneira que quando o/a aluno/a da EJA realiza uma prova externa, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo, pode sentir dificuldade, devido a essa falta de base. Foi o que aconteceu comigo.

2.1 O ingresso na Universidade Federal do Maranhão

Diante do exposto, aos 21 anos me casei, novamente, e meu esposo não permitia que eu estudasse. Passaram-se 14 anos após a conclusão do Ensino Médio, quando me separei e voltei a estudar. Primeiramente, fiz um curso técnico em Estética, porém, como sempre tive muita vontade de cursar Pedagogia, iniciei a graduação na Universidade Paulista (UNIP), enquanto seguia tentando ser aprovada no ENEM, através do Sistema de Seleção Unificado (SISU). Quando consegui ingressar na UFMA, pelo SISU, nenhuma disciplina foi aproveitada e tive que iniciar “do zero” o Curso de Pedagogia.

Figura 3 – Trote da turma 2018.1



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Após o primeiro período, eu já estava na UFMA, minhas irmãs passaram a acreditar que poderiam ingressar na Universidade. Uma delas cursou Pedagogia e a outra Engenharia de Alimentos. Sinto muito orgulho e sou grata a Deus por estar realizando o sonho de fazer o Curso que sempre desejei em uma das melhores Universidades do Brasil e com professores/as excelentes.

Cursar Pedagogia foi um grande desafio, pois sou mãe de quatro filhos, trabalho em meu salão e fiz o Ensino Fundamental de forma bastante fracionada, além de quase não haver estudado no Ensino Médio. Leite e Alves (2022), em sua investigação tratam justamente desse assunto e demonstram, por meio de uma pesquisa de campo, com alunas universitárias, como é difícil conciliar as responsabilidades da maternidade e a permanência no curso superior, e também destacam a importância de que as mulheres mães e trabalhadoras disponham de políticas de assistência e condições plenas para acessar a universidade, se esse for o seu desejo.

Na prática, não é o que acontece, mas, mesmo diante de tantos desafios, pouco a pouco, com a ajuda dos/as professores/as e colegas/as – especialmente uma que sempre me auxiliou – estou conseguindo avançar e sei que, em breve, estarei realizando esse sonho. Foi um processo difícil, porque reprovei algumas vezes e não conseguia acompanhar as disciplinas, como também realizar as atividades.

No terceiro período, perdi meu pai. Foi uma dor imensa, sofri muito, tive crises de

ansiedade, precisei tomar medicação e fazer acompanhamento médico. Reprovi dois períodos e, praticamente, desisti de concluir o curso que tanto amava. Não conseguia estudar, nem me concentrar para ler ou assistir a filmes. Achei, de verdade, que seria o fim, que não conseguiria me formar. Foi então que engravidei da minha quarta filha.

Esse fato me motivou e me deu forças para recomeçar. Voltei a estudar com toda a garra. No período da Pandemia da COVID-19, estudava pela manhã e à noite. Apesar de ter reprovado algumas vezes, consegui colocar tudo em dia. Fiz o Estágio em Gestão de Sistemas Educacionais duas vezes. No primeiro, não consegui concluir o relatório e fiquei insatisfeita, pois o estágio havia sido realizado em um hospital. Por isso, decidi refazê-lo em uma escola. Agora, todas as disciplinas do componente curricular do Curso de Pedagogia foram concluídas, restando apenas o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para que enfim me torne Pedagoga.

2.2 As Experiências no Curso de Pedagogia: Crescimento Pessoal e Profissional

Figura 4 – Meu primeiro seminário



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

Nessa seção, descreverei minha trajetória e experiência no Curso de Pedagogia da UFMA. Quando ainda jovem, eu não tinha muito interesse em estudar, porém, com o passar do tempo, fui começando a gostar, e aos 21 anos, quando concluí o Ensino Médio, comecei a pensar em uma graduação. A princípio, não sabia qual seria, talvez o Curso de Direito.

Mesmo achando que era impossível, que não iria conseguir, pois meus estudos, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio, foram muito difíceis e quase todos realizados por meio da EJA, sentia que havia barreiras demais. As pessoas diziam que nem quem estudava

no formato regular estava conseguindo entrar na Universidade — imagine eu, que estudei por meio da EJA, já trabalhava como manicure e doméstica, e ainda não sabia em qual horário poderia estudar. Toda essa dificuldade para terminar a Educação Básica, as pausas e demais dificuldades que inclusive Silva *et al.* (2024) chama a atenção, quando se trata do ingresso e permanência dos/as estudantes, especialmente, os/as adultos/as, na EJA, agora pareciam um impecilho à continuidade da minha jornada acadêmica. Mesmo assim, não desisti.

Dessa forma, sem muito apoio, trabalhando em um salão de beleza, conheci muitas pessoas, inclusive professoras, que sempre me incentivavam, dizendo que sim, era possível, bastava dedicação. Nesse sentido, houve uma cliente especial, chamada Andreia, que me doou vários materiais para que eu pudesse estudar para o ENEM. No entanto, meu ex-marido, provavelmente levado pelo machismo estrutural presente na sociedade patriarcal, não permitia que eu cursasse uma graduação, e acabei adiando mais uma vez esse sonho. Esse machismo, como se sabe, está na estrutura da sociedade, desde eras mais remotas, nas bases da civilização ocidental. Fustel de Coulanges (2004) em sua obra “A Cidade antiga”, destacava a função do homem como o “pater familias”, aquele que era o chefe e senhor dos/as escravizados/as e da própria família, detendo sobre estes os direitos, até o de vida e de morte.

Contudo, em 2008, quando minha segunda filha tinha dois anos, tive meu primeiro contato com a Educação Infantil. Era uma casa-escola chamada Casa Mãe, no município de Boa Vista, na qual os pais participavam diretamente das atividades escolares. Nesse sentido, Araújo *et al.* (2021), destacam que é preciso que exista essa parceria entre a escola e a família e que esse compromisso em prol do estudante torna o processo de ensino muito mais proveitoso, contribuindo para o que chama de evolução integral dessa criança.

No caso supracitado, na Casa Mãe uma vez por mês, o pai, a mãe ou algum responsável precisava comparecer. Foi quando me apaixonei completamente pela Pedagogia, imaginei: vou trabalhar com o que gosto, ainda poderei continuar no salão e, mais adiante, posso até cursar Direito. Mas, somente muitos anos depois, com minha filha já com 13 anos, comecei a estudar Pedagogia em uma Faculdade particular. Consegui uma bolsa com 30% de desconto e não desisti, embora meu verdadeiro sonho fosse estudar em uma universidade pública.

Continuei fazendo o ENEM e, em 2018, já estava no terceiro período da faculdade quando surgiu a oportunidade de transferência externa devido as vagas ociosas. Fiquei empolgada, pois atendia a todos os requisitos exigidos no edital. Fiz a inscrição e, quando saiu o resultado, não consegui acreditar: meu nome estava na lista. Foi um dia muito emocionante, lembro-me como se fosse hoje, chorei muito. Fui até a UFMA e fiz minha matrícula, no

entanto, nada foi aproveitado da Faculdade, então, recomecei a partir do primeiro período. Foi, assim, que entrei na UFMA, instituição da qual tenho muito orgulho de cursar uma graduação. Aos 37 anos, com três filhos, trabalhando como manicure e doméstica, eu estava realizando um sonho.

No início, fiquei muito nervosa e assustada, pois muitas coisas eram diferentes. Sempre me perguntava: “Será que vou dar conta?”. Logo no primeiro período, percebi que o curso exigiria muita dedicação — muitos textos, leituras e seminários. Já no primeiro dia de aula, fui recepcionada pelo professor Batista, e foi um choque de realidade. A fala dele nos mostrou que, por diversos motivos, muitos de nós não concluiríamos o curso — fosse por dificuldades, por não gostarem do curso ou por barreiras que surgiriam. Nesse momento, disse a ele que estava ali porque gostava e que, com a vontade e a permissão de Deus, iria concluir.

Portanto, posso afirmar que faço parte da história da UFMA, especialmente porque sou da primeira turma de Pedagogia do turno matutino. Assim, meu sonho estava mais do que completo, pois sempre quis estudar pela manhã. Ademais, o trabalho com beleza funciona melhor à tarde e à noite, e nesse período já estou cansada e com pouca capacidade de raciocínio. Então, o turno da manhã foi perfeito.

Durante a consecução do curso, também observei que muitos/as colegas diziam que tinham entrado na turma por falta de nota, eu não, entrei porque queria fazer Pedagogia — exatamente o curso que desejava. Ainda no primeiro mês, fiz a inscrição para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e, para minha surpresa, fui selecionada. Em menos de dois meses, já estava em sala de aula. Segundo Ferreira *et al.* (2019), “o PIBID atinge pontos fundamentais da formação inicial de professores, como o relacionamento, muitas vezes difícil, entre as instituições formadoras e as escolas, o escasso exercício da docência e a experiência prática”. Neste sentido, o PIBID exerce contribuição na formação docente do/a Pedagogo/a, possibilitando a vivência com a escola, também desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Outro momento muito especial durante o curso foi a viagem que fiz com o grupo de pesquisa “Memórias, Diversidades e Identidades Culturais”, coordenado pela Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho, para a cidade de Alcântara/Ma. Pensava que, já tinha vivido de tudo, mas não imaginava o que viveria naqueles dias tão incríveis. Foram quatro dias na cidade. Tive a oportunidade de conhecer a base de Alcântara, de onde partem os foguetes, e assistir a palestras que apresentaram todos os setores. Um momento único. Também conhecemos a Ilha do Livramento e acampamos para explorar toda a beleza geográfica do local.

Nesse sentido, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014), Alcântara é uma cidade reconhecida como patrimônio histórico, cultural e nacional, sendo um município de interesse turístico, segundo Projeto de Lei do deputado Arinaldo Melo. A cidade é conhecida por suas ruínas — são mais de 300 — por suas igrejas, ruas e casas-museu. Nascimento (2025) também destaca a importância do município maranhense como destino turístico de grande relevância no país e seu potencial de crescimento. Por isso, especialmente aquele que vive e estuda neste estado, precisa ter acesso e conhecer esse patrimônio.

Ainda na cidade, participamos de shows, conhecemos a Comunidade Quilombola I, onde tive meu primeiro contato com os povos quilombolas. Esses povos, de acordo com Mondardo e Nascimento (2023), esses povos descendem de africanos/as escravizados/as e formaram suas comunidades como forma de resistirem ao processo de escravidão e preservam atualmente suas tradições, enquanto, ao mesmo tempo, buscam garantir seu direito a essas terras que tradicionalmente ocupam. Neste sentido, nosso contato contribuiu consideravelmente para a minha formação enquanto cidadã crítica e professora.

Figura 5 – Visita à Comunidade Quilombola I em Alcântara/MA



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Participamos também da Festa do Divino Espírito Santo, uma celebração cultural.

Foram dias de muito aprendizado, tudo graças à UFMA e ao Curso de Pedagogia, especialmente à professora Herli. Tive a honra de participar ainda, de ações de pesquisa e extensão por meio do **Projeto ALMA: (Re)escrevendo Histórias das Comunidades Quilombolas no Município de Alcântara – Maranhão**, nos eixos de Desenvolvimento Sustentável, Educação, Manifestações Culturais, Religiosas e Saúde. Recebi um certificado de 40 horas. O crescimento, tanto pessoal quanto acadêmico, foi imenso e repleto de aprendizagens, até porque, como afirmam Santos *et al.* (2023), esses projetos são essenciais para que se cumpra a função social da Universidade, já que ela não é um fim em si mesma. Assim, o projeto decorreu entre os dias 6 e 10 de junho de 2019.

Figura 6 – Visita técnica à base de Alcântara/MA com a Professora Herli



Fonte: Acervo Pessoal (2019)

Por fim, dentre todas as disciplinas que cursei, algumas se destacaram e chamaram mais minha atenção. Entre elas, estão: Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, com o Prof. Dr. José Edilmar de Sousa; Fundamentos e Metodologias do Ensino de Matemática com o Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura; Fundamentos e Metodologias do Ensino de Geografia com a Profa. Ma. Patrícia Alves Silva; Fundamentos e Metodologias do Ensino de História da Educação, com Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho; Corporeidade com

a Profa. Dra. Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro e Estudo Diversificado II com a Profa. Dra. Catiane Cinelli. Durante a disciplina de Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, com o Professor Edilmar, aprendi diversos conceitos como Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica no Brasil, destinada a crianças de 0 a 5 anos de idade. Tem como objetivo promover o desenvolvimento integral da criança, incluindo aspectos físicos, cognitivos, sociais e emocionais.

A Educação Infantil visa, estimular a curiosidade e a criatividade, desenvolver habilidades sociais e emocionais, promover a aprendizagem por meio do brincar e da interação, preparar as crianças para o ingresso no Ensino Fundamental. É um período fundamental para o desenvolvimento das crianças e os/as professores/as desempenham a função importante nesse processo, uma pena que foi no formato remoto. Durante todo o curso, tive a oportunidade de crescer profissionalmente e colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos meus Estágios Obrigatórios.

2.3 O PIBID Para a Minha Formação

Nesta seção, apresento as contribuições e reflexões acerca do PIBID para a minha formação inicial, como também descrevo as aprendizagens como pibidiana. O PIBID é uma ação conjunta do Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Ensino Superior (SESU), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) (Ferreira; Castro, 2024).

O objetivo é estimular a iniciação à docência de estudantes das Instituições de Educação Superior (IES) e contribuir com a formação de docentes em nível superior, em cursos de licenciatura presencial plena, para atuar na educação básica pública, comprometidos com o exercício do Magistério na rede pública. Com essa iniciativa, “o PIBID promove uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), as escolas e os sistemas estaduais e municipais” (Ferreira; Castro, 2024, p. 2).

De acordo com a CAPES, todas as IES — públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos — que ofereçam cursos de licenciatura e que estejam interessadas em participar do Programa, podem submeter propostas em editais de seleção. Após aprovação da CAPES, essas instituições recebem cotas de bolsas, recursos de custeio e capital para o desenvolvimento das atividades do Projeto. Para compor o quadro de bolsistas do PIBID, os/as alunos/as são selecionados por meio de processos seletivos realizados por cada IES.

Desenvolver projetos de caráter inovador é o principal objetivo do PIBID,

proporcionando a inserção do/a licenciando/a no espaço escolar e permitindo que compreenda o cotidiano da escola e aprenda a lidar com situações diversas, além da sala de aula. Segundo Cunha (2002, *apud* Neitzel *et al.*, 2013, p. 103):

A inovação traz não a ideia de simplesmente agregar novos elementos, mas romper com o paradigma dominante, introduzindo novas alternativas que quebrem com a estrutura tradicional do trabalho e interfiram nos resultados de aprender e ensinar numa perspectiva emancipatória.

Dessa forma, entendo que, quanto mais cedo o acadêmico for inserido no espaço escolar, mais sólida será sua formação, uma vez que se torna evidente a correlação entre teoria e prática. Assim, inscrevi-me como bolsista do PIBID em 2018. Todo o processo foi muito rápido; logo eu já estava em sala de aula. A coordenadora do projeto era a Profa. Dra. Maria Tereza Bom-Fim, e as atividades foram realizadas na Escola Municipal Madalena de Canossa. Fomos muito bem recebidos pela equipe diretiva e pela vice-diretora Maria.

Figura 7 – Contação de história para as crianças



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Participamos de encontros pedagógicos e de planejamentos escolares. De acordo com Hegeto *et al.* (2021), esses momentos são essenciais tanto na formação de professores/as como também na prática escolar. Contudo, muitas vezes se torna um desafio e por isso é tão importante sua consecução e discussão. Assim, no presente contexto, tive duas professoras orientadoras na escola, a Professora Francisca Silva, que logo foi afastada por motivos

pessoais, e a Professora Luciléia Silva, que assumiu e me orientou até o final do projeto. A turma era composta por crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental.

No início das atividades, eu e mais três colegas estávamos juntas; a escola nos orientou a dar aulas de reforço no contraturno, e permanecemos assim por vários meses. Quando a Professora Luciléia assumiu a orientação, nossa rotina mudou, passamos a colaborar mais com a escola e com atividades como contação de histórias. A contação de histórias é tema de pesquisa de inúmeros estudiosos e amplamente discutida no meio acadêmico. De acordo com Xavier *et al.* (2023), impacta muito positivamente o emocional e o afetivo das crianças de forma que contribui para a sua aprendizagem de forma mais significativa.

Comecei a ler livros com maior frequência, a cantar músicas infantis com as crianças, escrever no quadro e, enfim, me tornar a professora que sempre sonhei ser. Por outro lado, na universidade, a professora orientadora da disciplina, Tereza Bom-Fim, sempre nos orientava sobre como proceder em sala de aula. O foco inicial do Projeto era alfabetizar e letrar crianças com dificuldades na leitura e na escrita. Com o passar do tempo, as atividades do PIBID foram sendo ajustadas e se tornaram ainda mais próximas da realidade de uma sala de aula.

Durante o período de 18 meses, as crianças demonstravam muito carinho por nós; sempre que chegávamos à escola, éramos bem recebidas por elas. Para mim, enquanto aluna do Curso de Pedagogia, essa experiência foi extremamente gratificante, pois me proporcionou um aprendizado prático muito significativo. Xavier *et al.* (2023), destacam, de acordo com orientações do Ministério da Educação (MEC), trazidas ao seu estudo, que a contação de histórias favorece a autoestima da criança, além da construção da identidade e das relações afetivas, algo que é tão essencial nessa fase da vida.

No capítulo a seguir, apresento minhas reflexões acerca do Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil do Curso de Pedagogia da UFMA, como também destaco as suas contribuições para a minha trajetória, enquanto Pedagoga em formação.

3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL, COMO UM ELEMENTO MOTIVADOR NA MINHA TRAJETÓRIA

Este capítulo tem por objetivo é apresentar como o Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil implicou na minha trajetória, durante o Curso de Pedagogia. Nesse sentido, busco evidenciar a relevância dos estágios supervisionados na formação do/a pedagogo/a e narrar como a experiência no Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil, que influenciou minha identidade como professora.

Tendo em vista todo o exposto, e retomando o objetivo principal deste memorial, que é o de compreender de que forma o Estágio Supervisionado em Educação Infantil contribuiu para a minha trajetória acadêmica, evidenciando sua importância para meu desenvolvimento profissional no Curso de Pedagogia, posso afirmar, sem dúvidas, que todo o carinho que já nutria por essa fase, consolidou-se ainda mais com a vivência prática proporcionada e que isso reforçou em mim a certeza de que essa era a área em que eu queria atuar.

Figura 8 – Regência com as crianças do maternal I



Fonte: Acervo Pessoal (2022)

Assim, estar em contato direto com as crianças, observar suas reações às atividades planejadas, contar histórias para elas, ver sua curiosidade e envolvimento durante as aulas, foram experiências que me marcaram profundamente nessa trajetória e exemplos de situações que, de fato, despertaram em mim o desejo de seguir atuando nesse campo.

Além disso, a estrutura da escola na qual fiz o estágio, com salas bem organizadas,

refeitório, parque e quintal, além do acolhimento da equipe escolar, fizeram toda a diferença para que eu me sentisse acolhida, confiante e realizada ao desempenhar minhas atividades pedagógicas. Desse modo, percebi que ensinar na Educação Infantil vai muito além de passar conteúdos, é preciso cuidar, planejar, observar, estimular a autonomia e acolher as singularidades de cada criança.

Nesse contexto, posso afirmar, com certeza que essa experiência me tocou profundamente, me encantou e reforçou meu propósito de vida. Por isso, penso que o estágio não apenas fortaleceu meu amor pela Educação Infantil, mas também foi essencial para que eu consolidasse minha identidade como professora, pois, na prática, pude perceber que é nessa fase que quero construir minha carreira profissional. Neste sentido, Amorim *et al.* (2022) destacam que o Estágio Supervisionado não é apenas “mais uma” disciplina didática, mas sim, um componente essencial para que se adquiram os conhecimentos práticos para a construção da identidade profissional da pessoa que atuará no campo educacional, porque permite que através da prática pedagógica possamos refletir acerca dos conhecimentos adquiridos.

Em primeiro lugar, é preciso mencionar todo o carinho que nutri, durante tantos anos, pelo trabalho na Educação Infantil, área com a qual sempre tive muita afinidade. Esse amor foi um dos principais motivos que me levaram a escolher o Curso de Pedagogia. Nesse sentido, a afetividade torna-se um fator de suma importância na Educação. Freire (1996), em sua prestigiosa obra “Pedagogia da Autonomia”, evidencia que ensinar exige querer bem e que este é um outro saber que o/a educador/a deve deter, além do conhecimento técnico-profissional. É importante entender, e o próprio autor pontua que, não se trata de uma visão adocicada ou romântica do processo educativo, já que apenas o/a professor/a não deve temer expressar a afetividade com seus alunos e que ela deve estar permeada por eticidade, autoridade e compromisso, um amor pelo que faz. Desse modo, Freire (1996) destaca que seriedade docente e afetividade não são elementos antagônicos, ao contrário.

Para Silva (2024), ademais, a afetividade é um elemento fundamental para o desenvolvimento infantil e isso deve ser cultivado na escola. Inclusive, a autora relembra que a afetividade é reconhecida como um aspecto fundamental para a construção da aprendizagem, como também o desenvolvimento emocional das crianças. Assim, esta mesma autora também cita Freire (1996), chamando a atenção para o fato de que o autor evidencia a necessidade de uma relação afetiva e de confiança entre o/a educando/a e o/a educador/a; sendo este aspecto muito importante para seu desenvolvimento integral. Isso consta, de acordo com a autora, inclusive, na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que a

educação deve visar esse desenvolvimento integral, o que envolve não apenas a aprendizagem mecânica, mas o chamado “desenvolvimento socioemocional”.

Ainda para Silva (2024), promovendo essas habilidades socioemocionais como empatia, autoestima e comunicação e nas interações afetivas positivas entre educadores/as e educandos/as, uns com os outros, estimula-se um ambiente escolar que é mais acolhedor e promovem-se práticas educativas que ajudam na regulação das emoções e na resolução pacífica de conflitos. Desta forma, esta não deve ser entendida apenas como uma abordagem complementar, mas como essencial a uma educação que prepara não apenas academicamente, como também para uma vida emocionalmente equilibrada e satisfatória na idade adulta.

Assim, essa dimensão afetiva permeia a minha entrada e permanência no Curso de Pedagogia. Nesse contexto, desde o meu primeiro dia de aula na Universidade Federal do Maranhão, trago comigo a lembrança inesquecível da primeira aula, ministrada pelo saudoso professor mestre José Batista de Oliveira. Ele nos alertava que, apesar das dificuldades e desafios ao longo do percurso, muitos poderiam desistir, mas eu me lembro de ter exclamado: “Vou até o final!”. Naquele momento, reafirmei para mim mesma que os obstáculos seriam superados pelo amor à profissão.

Desse modo, ao longo do curso, cada disciplina ministrada e cada professor/a, com sua forma de transmitir os conceitos e teorias da Pedagogia, contribuíram significativamente para minha formação. Participei de vários eventos acadêmicos, o que mais me marcou foi a Semana Mundial do Brincar (SMB) feito pela Profa. Dra. Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro. Participei de todas as edições evento esse que iniciou-se no ano 2019, até a último ano que estava na Universidade, em 2025, viagens e seminários, sempre com entusiasmo e dedicação, o que foi reforçando minha certeza sobre a escolha profissional que fiz. Além disso, de acordo com Silva e Conceição (2023), a participação dos acadêmicos nos eventos científicos é essencial e ajuda a complementar essa formação, tornando-a mais sólida e eficaz.

No Estágio Supervisionado de Gestão e Organização de Sistemas Educacionais, realizado em 2022.1, tive a oportunidade de conhecer a Dona Graça, uma figura muito importante naquele momento, que contribuiu significativamente para o nosso aprendizado, tanto dentro da escola quanto para a vida pessoal. Realizei esse estágio com três colegas da minha turma de entrada na UFMA, sendo uma delas Djannara, que esteve ao meu lado em todos os momentos, de maneira que tenho um carinho especial por ela.

Em 2022.2, participei do Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil, essa experiência foi essencial para aprimorar minha formação e me aproximar da vivência real em sala de aula. Foram realizadas atividades que contribuíram para o meu aprendizado,

possibilitando a articulação entre teoria e prática. Percebi que esses dois pilares — teoria e prática — são fundamentais para que o docente desenvolva um trabalho com qualidade e responsabilidade, por isso, os estágios são tão importantes para a formação.

Nesse sentido, destaco o fato de que o Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil é componente curricular obrigatório no curso de Pedagogia da UFMA. Para Pacifico *et al.* (2020), o Estágio proporciona oportunidades de formação pessoal e profissional ao/a docente, permitindo a articulação entre teoria e prática. Por meio da observação e da experiência direta em sala de aula, o estágio cria um elo entre formação e exercício docente.

Segundo Freire (1987, p. 38):

Teoria e prática são inseparáveis, tornando-se, por meio de sua relação, práxis autêntica, que possibilita aos sujeitos reflexão sobre a ação, proporcionando educação para a liberdade. A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido.

Portanto, não há como dissociar o que se aprende da prática, assim, sendo o estágio um complemento essencial de toda a teoria apreendida no curso. Nesse mesmo sentido, para Pimenta e Lima (2019), o estágio é um campo de conhecimento e um eixo curricular central no Curso de Pedagogia, sendo essencial para que o/a discente relacione teoria e prática e construa sua identidade docente. Ele é espaço de diálogo, superação de obstáculos e construção de caminhos, contribuindo para melhores aprendizagens e consolidação dos saberes necessários à profissão.

Ademais, o estágio, nos oferece a vivência da profissão, gera expectativas e proporciona experiências reais que colaboram diretamente com a prática docente. Essa experiência amplia nossas habilidades, fortalece a segurança e desenvolve a consciência de que estamos aptos a exercer a docência com responsabilidade, como afirmam Amorim *et al.* (2022).

Quando chegou o tão esperado Estágio de Educação Infantil, fiquei emocionada com a oportunidade de finalmente estar em sala de aula com as crianças. Ao mesmo tempo que sabia das dificuldades que viriam, me sentia confiante, porque quando se faz o que se ama, nada é sacrifício. Tive certeza de que era isso o que queria. Meu estágio foi realizado em 2022, em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), escola ampla, com salas de aula bem estruturadas, refeitório, parque, *playground* e até mesmo uma área nos fundos das salas, como um quintal, onde as crianças podiam brincar.

Essa etapa do Estágio na Educação Infantil, me motivou a continuar esta jornada acadêmica, uma vez que, pude colocar em prática todo o conhecimento adquirido ao longo do

Curso de Pedagogia, tanto teórico quanto prático, e isso me fez compreender o quanto estava realizada diante da escolha pela educação. Durante o estágio obrigatório no Curso de Pedagogia da UFMA, encontrei a mim mesma.

A cada pesquisa, a cada história, a cada aula planejada e aplicada, me sentia mais completa. Todos os dias, contava histórias para as crianças que ouviam com atenção, curiosidade e envolvimento. A participação delas nas atividades planejadas era encantadora. Afinal, é, como afirmam Xavier *et al.* (2023), esse tipo de atividade estimula o afeto, a criatividade e a autoestima das crianças, de modo que costumam se interessar bastante por esse tipo de atividade.

No semestre de 2023.1, enfrentei um novo desafio: o Estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Confesso que estava muito nervosa, principalmente, com o medo de errar com crianças maiores. Dessa vez, minha amiga Djannara não estava comigo, mas tive o apoio da minha irmã, Perpétua, com quem formei dupla. Fomos muito bem recebidas pela equipe da Escola. Essa etapa, que estou finalizando, foi muito proveitosa. Gostei bastante da sala de aula dos Anos Iniciais e afirmei que fiz a escolha certa em ser pedagoga.

Tive, ainda, a oportunidade de fazer o Estágio em Docência de Anos Iniciais do Ensino Fundamental com a professora Luciléia, com quem já havia participado do PIBID, nos anos de 2018 e 2019. Aquela já havia sido uma experiência incrível, mas o estágio obrigatório ampliou ainda mais minhas vivências.

Figura 9 – Atividade com as Crianças



Fonte: Acervo Pessoal (2023)

A interação com a professora, com minha dupla e, principalmente, com as crianças, foi muito rica; tal como Amorim *et al.* (2022) sugerem sobre as vantagens desse tipo de estágio. Essas experiências formativas, vivenciadas por meio do estágio, permitiram que o conhecimento teórico-prático qualificasse meu aprendizado e contribuísse para a construção de novos saberes sobre a docência, sobre a criança, o valor do lúdico e da sala de aula, assim como sobre o a função de todos os colaboradores da escola, pois são relações inseparáveis e fundamentais para o desenvolvimento da criança.

No momento inicial do Estágio, durante a carga horária de fundamentação teórica, aprendi que “a criança é o início do adulto”, o que reforça a necessidade de um olhar mais cuidadoso sobre essa fase da vida, como bem disse Pitágoras: “educai as crianças para que não seja necessário punir os adultos”. Essas reflexões são respaldadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996, sancionada pelo Presidente da República. Essa legislação assegura em seu Artigo 4º, que:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) Pré-escola; b) Ensino fundamental; c) Ensino médio; I. Educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade (Brasil, 1996, p. 2).

Portanto, trata-se de um direito fundamental, essencial, previsto também na Carta Magna Brasileira (Constituição de 1988), o direito à Educação Básica, além do atendimento especializado a quem dele necessitar. Além disso, é uma exigência de padrões mínimos de qualidade dessa educação e a LDB o determina.

Dentro desse contexto, ressalto a importância da Educação Infantil e a função do/a docente nessa fase do desenvolvimento da criança. Esse é um momento em que, está em desenvolvendo vários aspectos e, ao estar matriculada na escola, se conecta com um novo olhar sobre o mundo. O/A professor/a tem como função apresentar, auxiliar e colaborar para que essa transição ocorra de forma significativa. Cabe a nós, educadores/as, preparar a criança para conviver em sociedade e respeitar o próximo.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), a Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas — espaços institucionais não domésticos, que devem ser supervisionados e regulados pelo sistema de ensino. Além disso, de acordo com Xavier *et al.* (2022), o/a professor/a possui um lugar fundamental no despertar da criatividade e da imaginação da criança.

Contudo, embora segundo Mello *et al.* (2018), a Educação Infantil tenha relevância significativa para o desenvolvimento integral da criança, nem sempre é isso o que se observa na prática. No entanto, observo que muitos/as gestores/as, educadores/as e pesquisadores/as preocupam-se apenas com o Ensino Fundamental, com elevação de índices de alfabetização e com a diminuição do fracasso escolar, até porque esses costumam ser os índices medidos nacionalmente, o que denota, portanto, uma preocupação mais burocrática que verdadeiramente educativa.

Nesse sentido, muitos desses senhores e senhoras se esquecem de que o desenvolvimento educacional humano começa desde o nascimento e se fortalece a partir do momento em que a criança frequenta instituições de Educação Infantil.. De acordo com Oliveira (2022), esta etapa da Educação é essencial para o pleno desenvolvimento da criança e de sua identidade.

Ao observar tudo isso durante o estágio e com base em todas as leituras que empreendi, pude compreender com maior clareza a importância da docência na vida da criança. O Estágio, ao nos permitir essa vivência, nos impulsiona a oferecer o nosso melhor para a Educação Infantil. Esse estágio foi fundamental ao permitir que o/a discente compreenda com qual área mais se identifica. Afinal, o Curso de Pedagogia vai muito além da docência — é um campo de saberes amplos e diversos. Além disso, de acordo com Santos (2021), a escola precisa favorecer que a criança tenha acesso a saberes sociais e historicamente construídos; mas certamente, o/a professor/a deve estar preparado para esse trabalho.

Durante o estágio, percebi que poderia unir o compromisso profissional com o prazer de ensinar. Assim, ao mesmo tempo que adquirir novos saberes, pude contribuir com os conhecimentos prévios que já trazia. Foi através da docência que percebi a grande responsabilidade que assumimos ao trabalhar com a Educação Infantil. Cuidamos de crianças que ainda estão desenvolvendo a autonomia sobre suas ações e que dependem, em vários aspectos do adulto para atender suas necessidades básicas e educacionais. De acordo com Alessi *et al.* (2025), todas as crianças passam por um período de dependência e, com o passar dos anos, é que começam a adquirir autonomia.

Assim, ao nascer, uma criança possui uma dependência absoluta em relação às pessoas adultas, até para a própria sobrevivência. Posteriormente, essa falta de independência começa a diminuir, até que o sujeito ganha total autonomia, graças a elementos como o desenvolvimento da capacidade de interagir, andar e tomar decisões (nível cognitivo), por exemplo. Porém, nessa fase da Educação Infantil, a dependência de fato ainda é muito grande, sendo que a responsabilidade dos/as educadores/as é proporcionalmente maior. No estágio,

pude perceber claramente as responsabilidades do/a educador/a, sua importância no contexto educacional e de formação dessa autonomia.

Percebi também que esse processo não é apenas de observação: exige planejamento, elaboração e avaliação. É necessário considerar a criança como um sujeito ativo no processo de aprendizagem, valorizando suas individualidades, sua autonomia e forma de expressar emoções. Compreender que há outras crianças e que todos são iguais diante da lei, ainda que cada um/a seja único/a (Guimarães, 2022). Deste modo, tudo isso é essencial para uma Educação Democrática e Inclusiva.

O estágio me proporcionou compreender melhor a função docente, que inclui observação, planejamento, diagnóstico e avaliação da turma. Todas essas práticas se tornaram ainda mais prazerosas quando pude incluir a ludicidade. Na Educação Infantil, o universo lúdico das crianças transforma tudo em possibilidade — e é por meio das brincadeiras que o ensino acontece. No entanto, é fundamental lembrar que não se trata de “brincar por brincar”, pois cada atividade possui intencionalidade e objetivos de aprendizagem (Rocha, 2017).

É preciso compreender o que ocorre entre as crianças, o que elas aprendem e ensinam ao brincar, refletir sobre os significados da ludicidade no currículo e planejar ambientes desafiadores voltados às suas necessidades. Também é necessário entender que não existe “hora de brincar” separada da “hora de estudar”, tudo é aprendizagem.

Outro ponto que merece destaque a respeito do que foi percebido no estágio, diz respeito à qualidade educacional. Assim, noto que a educação de qualidade também depende do apoio do Estado, com a oferta de formações e cursos contínuos aos professores/as, além de recursos financeiros. A relevância dessas formações, que devem acontecer de forma contínua são um destaque nos estudos de Silva (2024). Além disso, é importante que a gestão escolar seja participativa, colaborando para que o ensino seja efetivado com qualidade, assim não depende apenas do/a professor/a, mas de toda a comunidade escolar.

Afinal, a escola é o local onde o/a professor/a coloca em prática suas convicções, conhecimentos e competências, e o Estágio Supervisionado nos insere nesse ambiente, mas nem tudo depende dele e ele não pode atuar sozinho. De qualquer forma, o estágio permite socializar experiências com educadores/as experientes e entender o cotidiano da profissão docente. Trata-se de uma prática educativa e reflexiva, que consolida nossas competências e nos prepara para implementar as teorias aprendidas.

Por fim, os conteúdos aprendidos sobre Educação Infantil são vastos, é através do estágio que conseguimos aplicar, questionar e refletir. Isso nos torna capazes de tomar decisões pedagógicas conscientes e que favorecerem, verdadeiramente, a aprendizagem das

crianças. O Estágio Supervisionado foi, para mim, mais do que uma etapa obrigatória: foi o momento em que me encontrei como professora.

Assim, com todas as experiências vividas e as leituras realizadas durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, posso afirmar com segurança que essa etapa foi essencial para minha trajetória acadêmica na UFMA, pois esse estágio contribuiu não apenas para meu desenvolvimento pessoal e profissional, mas também para a formação da minha identidade como professora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Memorial de Formação, teve como objetivo geral demonstrar de que forma o Estágio Supervisionado na Educação Infantil contribuiu para a minha trajetória acadêmica, buscando demonstrar como ele implicou para o meu desenvolvimento profissional no Curso de Pedagogia. Para isso, enquanto objetivos específicos na consecução deste trabalho refleti sobre minha trajetória na Educação Básica e os desafios para chegar ao ensino superior; analisei minhas experiências no percurso do curso de Pedagogia e, finalmente, busquei evidenciar como o Estágio de Educação Infantil motivou e a minha trajetória.

Assim, em relação ao primeiro objetivo, destaquei um percurso educacional marcado por interrupções e dificuldades, em especial, decorrentes de fatores sociais, familiares e econômicos, tais como: a fragmentação do Ensino Fundamental, as lacunas no Ensino Médio e a distância temporal entre a conclusão da Educação Básica e o ingresso na Universidade. Assim, o que pontuo ilustra os desafios enfrentados por muitos/as brasileiros/as, especialmente, pelas mulheres, mães e trabalhadoras em contextos de vulnerabilidade social.

Quanto ao segundo objetivo, demonstrei que durante esse percurso acadêmico houve um processo de crescimento tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal. Assim, mesmo enfrentando crises e dificuldades para equilibrar e conciliar a maternidade, o trabalho e os estudos, consegui desenvolver habilidades pedagógicas e reflexivas. Evidenciei ainda que estes avanços foram possíveis também graças à minha participação em programas como o PIBID, em projetos de extensão, em viagens de formação e nas socializações e interações com os/as colegas e professores/as. Essas experiências, ademais, ajudaram a fortalecer minha identidade como professora e os conhecimentos acadêmicos.

Por fim, em relação ao terceiro objetivo, explanei que essa foi a experiência mais marcante de todo o percurso acadêmico, o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, posto que, pude não apenas articular teoria e prática, mas consolidar compromisso e o propósito com a docência e também aprofundar a certeza de ter escolhido o caminho certo.

Assim, frente a todo o exposto, o que pude perceber com toda a minha formação e os desafios que precisei enfrentar, é que a construção da identidade docente foi um processo contínuo, marcado por momentos de enfrentamento e resiliência e que as experiências práticas vivenciadas por mim durante esse processo de formação foram fundamentais para a minha trajetória.

O Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil foi esse ponto culminante de todo o processo, pois consegui entender de forma mais profunda o significado

de tudo que estudei na Universidade. Além disso, este me motivou, pois aumentou minha confiança como futura educadora e me fez perceber a importância e a responsabilidade de atuar na primeira fase da educação das crianças.

Concluo, assim, que o Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil contribuiu profundamente com minha trajetória acadêmica e pessoal, pois me ajudou a consolidar conhecimentos, fortalecer laços afetivos e também me permitiu vislumbrar uma profissão no campo da Pedagogia. Desse modo, carrego comigo a certeza de que escolhi o caminho certo e de que a docência, especialmente na Educação Infantil, é um campo em que posso fazer a diferença, com dedicação, sensibilidade e compromisso com o desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, V. M.; BRITO, L. M. S.; DE ROSIS SANTOS, A. S. Autonomia infantil: O papel das interações e brincadeiras na infância. **Revista Chão da Escola**, v. 22, n. 1, p. 41-59, 2025.
- AMORIM, S. M. B.; MEDEIROS, M. L. D.; RICCI, M. F. C. C. M.; CRAHIM, S. C. S. F.; SOUZA, T. C. O Estágio Supervisionado na Formação da Identidade Docente. In: **Atas do XXVIII Colóquio da AFIRSE Portugal Instituto de Educação da Universidade de Lisboa**. Lisboa: AFIRSE, 2022.
- ARAÚJO, Á. A. **Relação da Afetividade Professor-Aluno no contexto da Alfabetização**. Monografia de Graduação em Pedagogia. Universidade Nacional de Brasília (UnB), Brasília, 2014.
- ARAÚJO, J. K. S.; SILVA, M. F. S.; AZEVEDO, G. X. A. A Importância da Família No Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil. **Revista REEDUC**, v. 7, n. 3, p. 8-26, 2021.
- BUENO, B. O.; CHAMLIAN, H. C.; SOUSA, C. P.; CATANI, D. B. Histórias de Vida e Autobiografias na Formação de Professores e Profissão Docente (Brasil, 1985-2003). **Revista Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 386-410, 2006.
- CAROLINE, T. R. C. A Importância de Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil. **Revista Saberes Docente em Ação**, v. 05, n. 01, p. 1-28, 2021.
- CASTRO, M. T.; SANTOS, M. J. C. A Vulnerabilidade Social e a Vulnerabilidade Educacional: evasão escolar e baixos índices de aprendizagem dos estudantes Ensino Fundamental. **Revista RIIPEDES**, v. 1, n. 1, p. 1-2, 2024.
- CIAPARIN, M. **O Papel da Interação Afetiva entre Professor-Aluno na Alfabetização na Perspectiva de Professoras em Formação Inicial**. Monografia de Graduação em Pedagogia. Universidade São Francisco (USF), São Francisco, 2020.
- COSTA, M. M. M.; FREITAS, M. V. P. A gravidez na adolescência e a feminização da pobreza a partir de recortes de classe, gênero e raça. **Revista Direitos Culturais**, v. 16, n. 40, p. 5-23, 2021.
- COULANGES, F. **A cidade Antiga**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, A. **A contribuição das neurociências aos cérebros que chegam às escolas**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.
- HEGETO, L. C. F.; SOARES, Y. S.; DIAS, R. Planejamento na Organização do Trabalho Pedagógico Escolar no ensino remoto. **Revista Extensão em Foco**, v. 1, n. 23, 2021.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: IPHAN, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/345/>>. Acesso em: 6 set. 2024.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez Editora, ed. 8, 2004.

LEITE, A. C. F.; ALVES, F. C. Trabalho, maternidade e permanência no Ensino Superior. **Revista Ensino em Perspectivas**, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2022.

MONDARDO, M.; NASCIMENTO, R. Introdução: Povos indígenas, comunidades quilombolas e migrações. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 12, n. 26, p. 01-21, 2023.

NASCIMENTO, F. S. **Análise do acesso à cidade de Alcântara-MA**. Monografia de Graduação em Engenharia Civil. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Bacanga, 2025.

NEITZEL, A. A.; FERREIRA, V. S.; COSTA, D. Os impactos do Pibid nas licenciaturas e na educação básica. **Revista Conjectura**, v 18, n. Especial, p. 98-121, 2013.

OLIVEIRA, D. L. **A construção da Identidade da Criança na Educação Infantil**. Monografia de Educação em Pedagogia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), Goiás, 2022.

PACIFICO, J. M.; Dantas, R. L.; Brandt, A. S.; RODRIGUES, M. Estágio supervisionado na educação infantil: relatos e reflexões. **Revista Educação em Foco**, v. 23, n. 39, p. 127-148, 2020.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **O Estudo do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Amgh, 12. ed., 2013.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Revista Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011.

PIMENTA, S. G.. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 94, p. 58-73, 1995.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágios supervisionados e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: duas faces da mesma moeda? **Revista Brasileira de Educacao**, v. 24, p. 1-20, 2019.

ROCHA, G. B. A. A Participação do Professor no Processo de Aprendizagem da Leitura do Aluno por Meio dos Instrumentos Pedagógicos Ludicos. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 13, p. 201-216, 2017.

XAVIER, E. S.; DIAS, V. G.; DIAS, A. G.; NASCIMENTO, M. D. P. **Contaçon de História na Educação Infantil**. Anais IX CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/96952>>. Acesso em: 06 de setembro de 2024.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história da formação. In: **Porque escrever é fazer história: revelações subversões superações**. São Paulo: Graf, 2007.

SANTOS, A. M.; SANTOS, K. M. C.; REGO L. J. S.; RIBEIRO, A.; RUDKE, A. P.; MOTA, G. C.; SILVA, C. F. A. Extensão universitária como oportunidade para favorecer o ensino de ciências em escolas públicas. **Revista ELO - Diálogos em Extensão**, v. 12, p. 1-14, 2023.

SANTOS, L. S. O que a escuta das crianças revela sobre os currículos praticados na Educação Infantil?. **Revista Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2021.

SILVA, A. B. B. **Mentes Perigosas nas Escolas: bullying**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, A. P.; NUNES, D. M.; FREITAS, E. S.; LIMA, M. L. L.; OLIVEIRA, M. N.; FARIAS, A. G. F. As Dificuldades para o Ingresso e Permanência dos Alunos na Educação de Jovens e Adultos – EJA. In: **Anais New Science Publishers**. Goiás: Impacto, 2024.

SILVA, A. R. **Das necessidades formativas aos processos de desenvolvimento profissional da docência no contexto da creche**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul, 2024.

SILVA, A. V. **Memorial de Formação: dispositivo de pesquisa-formação no/do estágio supervisionado**. Tese de Doutorado em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Bahia, 2014.

SILVA, L. B.; CONCEIÇÃO, S. C. L. **A Importância de Eventos Científicos no Ambiente Acadêmico**. Monografia de Graduação em Tecnólogo em Gestão Empresarial. Faculdade de Tecnologia da Zona Sul (FATEC), 2023.

SOARES, L.; SIMÕES, F. M. Formação Inicial do Educador de Jovens e Adultos. **Revista Educação e Realidade**. v. 29, n. 22, p. 25-39, 2004.

TELES, N. C. G. Licenciaturas duplas em ciências: desafios da formação docente em uma universidade amazônica. **Revista Metáfora Educacional**, v.1, n. 13, p. 52-74, 2012.